

SÃO PAULO
CENTRO XXI
ENTRE HISTÓRIA E PROJETO

0877285

SYSNO 0877285
PROD -00 3104

ACERVO EESC

5.17,00.00-3

A RECONSTRUÇÃO PERMANENTE POR MARTA DORA GROSTEIN	6	ANhangABAÚ:	39
O CENTRO POLÍTICO DA METRÓPOLE POR JORGE DA CUNHA LIMA	8	UMA ARQUEOLOGIA DO FUTURO POR ÂNGELO BUCCI	40
É UMA VERGONHA! POR EDLA VAN STEEN	9	TERRITÓRIOS DA NOITE POR SARAH FELDMAN	41
O CENTRO E A POSIÇÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO POR SÉRGIO ZARATIN	10	METRÔ: UM IMPACTO NA	
QUANDO A CIDADE VIRA CIDADANIA POR GILBERTO DIMENSTEIN	12	DINÂMICA DO CENTRO POR KARINE MURACHCO	42
O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO		GESTÃO DO CENTRO DE SÃO PAULO POR IVAN M. WHATELY	43
E OS NOVOS PROGRAMAS POR CARLOS LEMOS	13	SAMPA & RAP POR MARIA L. REFINETTI MARTIN	44
A VALORIZAÇÃO DO CENTRO DA CIDADE POR LUÍS ANTÔNIO POMPEIA	14	UM PASSEIO PELO LADO SELVAGEM POR CARLOS MARANHÃO	46
PATRIMÔNIO E CENTRO METROPOLITANO POR NESTOR GOULART REIS FILHO	15	O CHÁ DO MAPPIN E SUA ÉPOCA POR ANNA VERÔNICA MAUTNER	47
O FUTURO DO CENTRO HISTÓRICO POR CÂNDIDO MALTA CAMPOS Fº	16	MEMÓRIA DESCRITA	
ACESSIBILIDADE AO CENTRO HISTÓRICO POR SANDERLEY FIUZA	17	PROJETO PATRIARCA VIVA O CENTRO POR PAULO A. MENDES DA ROCHA	48
UM PLANO DIRETOR PARA O CENTRO? POR FLÁVIO VILLAGA	18	GALERIA PRESTES MAIA	
OFERTA DE INFRA-ESTRUTURA E REVITALIZAÇÃO DO CENTRO:		UMA PROPOSTA POR EDUARDO DE ALMEIDA	49
ASPECTOS DA GESTÃO E DO CONTROLE SOCIAL POR RICARDO TOLEDO SILVA	19	CORTIÇOS EM SÃO PAULO POR SUZANA PASTERNAK TASCHNER	50
ENTRE SCIENTISTAS, CONFEITARIAS, BONDES E MUITA GAROA:		ASPECTOS DA POLÍTICA IMOBILIÁRIA	
UM PASSEIO PELO CENTRO DE SÃO PAULO		PARA AS ÁREAS CENTRAIS POR EMÍLIO HADDAD	52
NA VIRADA DO SÉCULO XIX POR LILIA K. MORITZ SCHWARZ	20	ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A ACESSIBILIDADE	
POLUIÇÃO VISUAL OU SIGNOFOBIA? POR FRANCISCO INÁCIO HOMEM DE MELLO	22	AO CENTRO DE SÃO PAULO E A OFERTA	
A QUALIDADE AMBIENTAL DO CENTRO		E DEMANDA DE ESTACIONAMENTO POR VICTOR ABEL GROSTEIN	53
E O EFEITO DE PEQUENAS INTERVENÇÕES POR MARIA HELENA LOBO DE QUEIROZ	23	O PLANO DIRETOR E O CENTRO DA CIDADE:	
OS BLOCOS DO PARQUE ANHANGABAÚ POR BENEDITO LIMA DE TOLEDO	24	RESIGNIFICAR E REFUNCIONALIZAR	
REVENDO O CORAÇÃO DE SÃO PAULO POR MARCELO LAURINO	25	SEM ERGUER MURALHAS POR RAQUEL ROLNIK	54
A ÁREA CENTRAL DA CIDADE DE SÃO PAULO		MORAR NO CENTRO POR MARIA TEREZA SOUZA	55
E SEU METRÔ POR ANDRÉINA NIGRIELLO	26	O CENTRO DE SÃO PAULO:	
CENTRO VIVO E MONITORADO POR ROBERTO S. SCARINGELLA	27	PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI POR JOSÉ EDUARDO DE A. LEFÈVRE	56
ROTEIRO DAS IGREJAS - PROCENTRO POR HELENA SAIA	28	ARQUITETURA DE RECONVERSÃO POR CARLOS A. M. FAGGIN	57
AVENIDA SÃO LUÍS POR FERNANDO DE MELLO FRANCO	30	FALEM, ARQUITETURAS POR HUGO SEGAWA	58
PROCURANDO A NATUREZA		O CENTRO HISTÓRICO DE SÃO PAULO	
DO CENTRO DE SÃO PAULO POR CATHARINA DOS S. LIMA	31	E A PARCERIA ARTE-EMPRESA POR YACOFF SARKOVAS	59
AQUI NO CENTRO POR JEAN CLAUDE BERNARDET	32	RENOVAÇÃO DO CENTRO E HABITAÇÃO :	
UM NOVO CENTRO PARA SÃO PAULO POR JOAQUIM GUEDES	33	O DIREITO À CIDADE POR ERMÍNIA MARICATO	60
AS PORTAS DA CIDADE POR RENATO CYMBALISTA	34	SANTUÁRIO DOS GOURMETS POR JULE BARRETO	62
BOUVARD: UM URBANISTA FRANCÊS		O PROJETO ARTE/CIDADE HUMANIZOU O CENTRO POR MONA DORF	63
EM SÃO PAULO POR JOSÉ POR GERALDO SIMÕES JR.	36	PRAÇA DA SÉ POR RICARDO MARQUES DE AZEVEDO	64
QUANDO O CÉU ERA O LIMITE POR NÁDIA SOMEKH	37	São Paulo! POR JOSÉ EDUARDO AREIAS	65
UM ARQUÉTIPO METROPOLITANO POR SAMUEL KRUCHIN	38		



O CENTRO E A ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

São Paulo assistiu ao longo das décadas de 30 e 40, no momento em que atingia novos patamares de sua condição metropolitana, ao desdobramento e estruturação de um sistema de centros secundários. Este processo que vinha lentamente instalando-se ganha novo impulso no momento em que São Paulo alcança, em meados dos anos 50, a condição de primeira metrópole brasileira. As transformações que o intenso processo de urbanização introduziu neste período no conjunto da metrópole, repercutiram na área central de forma aguda, alterando as suas características funcionais e espaciais. Com a descentralização de atividades e funções a área central reorganizou-se para cumprir as exigências de sua nova condição de centro metropolitano.

A nova etapa estabeleceu novas exigências em todos os setores. Detectados como os mais evidentes problemas da área central nos anos 50 e 60, o congestionamento de veículos e a exiguidade de algumas das vias do centro velho, passam a cupar um papel preponderante nas propostas de renovação urbana. Um evidente esforço de melhorar as condições de circulação propiciou grandes obras viárias e alterações de uso dos espaços públicos centrais. Um diversificado e amplo rol de intervenções, tais como, abertura de vias expressas tangenciando o centro, criação de áreas pedestrianizadas, abertura de novos logradouros públicos, instalação do metrô e suas seis estações centrais, atestam a magnitude das intervenções. A execução do projeto de renovação do Parque do Anhangabaú no final dos anos 80 aponta para uma permanente ação de aperfeiçoamento funcional e espacial da área central.

Entretanto, apesar do esforço indiscutível do poder público, o centro metropolitano apresenta hoje questões urbanas de grande complexidade. Com a aproximação de uma nova etapa no desenvolvimento urbano da metrópole, que transpõe sua fase industrial, assiste-se à emergência de novos setores urbanos que buscam de maneira discutível abrigar funções essencialmente centrais. O deslocamento, melhor dizendo, a ameaça deste deslocamento tem ampliado a complexidade da análise e das propostas envolvendo o centro. Tornou-se indispensável manter o pleno desempenho do centro metropolitano tendo como ponto de partida suas questões contemporâneas.

A Associação Viva o Centro foi criada em outubro de 1991 para participar desta ação. Formada por expressivas instituições da sociedade civil a Associação Viva o Centro constitui um interlocutor reconhecido junto ao poder público e demais instituições da sociedade. Sua tese principal é que a cidade de São Paulo tem hoje um papel decisivo na reorganização social e econômica do país e que seu centro é um setor urbano estratégico. Assim sendo é essencial assumir a existência de novas centralidades urbanas sem deixar de reafirmar o caráter singular do centro metropolitano de São Paulo. Seus atributos intrasferíveis - referência histórica, funcional, cultural e simbólica - associados ao seu potencial de renovação apontam para a necessidade de estabelecer novas metas e pensar o seu futuro.

PRINCÍPIOS DE AÇÃO

A Associação VIVA O CENTRO é uma entidade de caráter cívico e representativo, sem fins lucrativos, apartidária, mantida e dirigida por seus associados, que tem como missão a valorização e o desenvolvimento permanente do Centro de São Paulo em seus aspectos funcional, urbanístico, econômico, cultural, educacional, turístico e de lazer, estimulando o espírito de confraternização, responsabilidade e cidadania em todos os que habitam ou frequentam o Centro, nele trabalham ou por ele transitam.

Em sua atuação, a Associação procurará sempre ser fiel aos seguintes princípios:

- Preservar os valores históricos da cidade e promover os valores éticos da cidadania.
 - Valorizar o Centro como espaço emblemático da metrópole, harmonizando o seu patrimônio histórico, arquitetônico e paisagístico com as mais altas expressões da vanguarda arquitetônica e imobiliária com vistas ao século XXI.
 - Fazer do Centro não o palco da injustiça social mas local por excelência de fruição cultural e realização profissional dos cidadãos.
 - Fazer do Centro um modelo de avanço tecnológico e imobiliário de nosso urbanismo metropolitano.
 - Fazer com que o enorme potencial dos investimentos em infra-estrutura já realizados no Centro seja plenamente utilizado em favor da cidade, facilitando e estimulando os projetos privados para a região.
 - Incentivar a permanente recuperação da paisagem urbana, propugnando por incentivos eficientes do poder público e participação ativa da iniciativa privada.
 - Fazer com que o espaço público seja oferecido à fruição de todos os cidadãos, impedindo-se a ação abusiva de quaisquer setores que queiram se apossar do espaço público.
 - Valorizar o papel da metrópole e do Centro paulistano como fatores preponderantes do desenvolvimento da nação brasileira.
 - Fazer com que o Centro se torne modelo de gestão integrada do espaço e serviços públicos objetivando sua qualidade e excelência.
- Para a consecução de suas metas a Associação se utilizará das seguintes formas de atuação:
- Manterá um quadro de associados representativo de um amplo espectro de interesses, incluindo interesses públicos e privados.
 - Promoverá fóruns para permitir troca de idéias e experiências de seus associados e dos interessados e estudiosos das questões urbanas.
 - Promoverá pesquisas que antecipe temas e tendências emergentes e incentivará soluções criativas baseadas nos resultados dessas pesquisas.
 - Desenvolverá e patrocinará programas educacionais e publicações para os associados, para a comunidade acadêmica e para o público.
 - Contribuirá para elevar os padrões de uso do Centro pela troca de experiência e conhecimento através de painéis de consultores especializados, sessões de análise de planos, publicações, seminários e outros serviços.
 - Reconhecerá e recompensará iniciativas que se destaquem no sentido da requalificação do Centro.
 - Encorajará a interação entre associados para realização de metas da Associação.
 - Servirá como um elo eficiente entre o poder público, as instituições e a sociedade no permanente processo de requalificação urbana do Centro de São Paulo.
 - Promoverá e divulgará o Centro como local de moradia, trabalho, estudo, entretenimento, fruição cultural e desenvolvimento da cidadania.

Foto Capa: Renato Cymbalista





"Os homens que pela primeira vez traçaram um caminho entre dois lugares, levaram a cabo uma das maiores realizações humanas. Devem haver percorrido amiúde a distância entre um ponto e outro e, através dele, os uniram subjetivamente. Somente ao assinalarem o caminho de forma visível sobre a superfície da terra é que foram ligados objetivamente dois lugares... A construção de um caminho é, por assim dizer, uma realização puramente humana. Também o animal supera continuamente, e amiúde da forma mais habilidosa e difícil uma distância, mas cujo começo e fim permanecem desligados. Não produzem a maravilha de um caminho: fazer cristalizar o movimento em uma figura fixa que o precede e no qual fica suprimido."

George Simmel

A Avenida São Luís desenhou-se como um caminho que apontava São Paulo rumo à modernidade. Intervenções urbanísticas e arquitetônicas materializaram, conjuntamente, a imagem de uma sociedade que fazia manifestos na cidade os símbolos de sua condição metropolitana emergente.

Em 1930, Francisco Prestes Maia lançava as bases do que viria a gerar um dos espaços mais emblemáticos de São Paulo. Ao elaborar o seu Plano de Avenidas, propunha um modelo abstrato a ser sobreposto e acomodado à cidade existente. Calçado em um sistema de vias perimetrais e radiais, visava ordenar os fluxos, descongestionando a área central. Ao extrapolar os limites do Centro histórico, voltava-se à cidade em sua totalidade, alinhando e atando à sua estrutura os fragmentos de uma expansão veloz. Ao redistribuir os movimentos na possibilidade infinita da propagação de um sistema anelar, conferia, como reação decorrente, uma importância inquestionável ao seu epicentro.

As impossibilidades de implantação imediata do plano estavam incorporadas, constituindo-se, fundamentalmente, como um norte a indicar uma direção desejada. Oito anos foram necessários para que Prestes Maia, uma vez à frente da prefeitura paulistana, iniciasse as ações que viriam a formalizar o seu projeto.

Em 1942, começado o Plano de Melhoramentos, a então Rua São Luís seria regularizada, nivelada e prolongada entre a Avenida Ipiranga e a Rua da Consolação. Com a finalização das obras do Viaduto Nove de Julho, em 1948, dava-se

prosseguimento ao seu eixo possibilitando, através da transposição do Vale do Anhangabá, a ligação com a Bela Vista e o triângulo histórico. Integrava-se a São Luís ao Perímetro de Irradiação, primeiro anel idealizado a circundar o Centro de São Paulo. Realizavam-se as condições que levariam à transformação de um dos espaços significativos da modernização que tanto caracterizou os anos 50.

Os antigos casarões residenciais da aristocracia cafeeira começavam a ser substituídos por edificações que assimilavam o novo referencial em relação aos usos, desenvolvimento das técnicas construtivas, aspectos formais e modos de empreendimento, seguindo o impulso inicial dado pelo surgimento da Biblioteca Municipal e da praça Dom José Gaspar, ainda na década de 30.

Diversos arquitetos, sobretudo estrangeiros, participavam ativamente de sua construção, informados pelas lições do modernismo filtrado pela transferência da esfera de influência européia para a americana. O arranha-céu passava a ser o paradigma com o qual enfrentar a nova escala da metrópole. Possibilitava a multiplicação de um solo excessivamente valorizado e continha as múltiplas funções da cidade. Requeria a liberação de seus espaços circundantes e contemplava a individualização exigida por cada uma das diversas instituições que se faziam representar no seu conjunto.

Consequentemente, a São Luís se conformou no embate entre os pressupostos arquitetônicos, muitas vezes opostos à estrutura preexistente da cidade, e a convivência sugerida por Prestes Maia. Associada a uma estrutura fundiária recortada e um código de obras direcionado à visão de cidade como blocos contínuos, esta determinação apriorística permitiu criar o pano de fundo necessário à relevância dos edifícios que se fizeram enquanto monumentos.

Perante a inevitável incorporação das condicionantes urbanísticas presentes, operações de projeto foram realizadas indicando olhares que buscavam extrair da circunstância dada os argumentos de sua ação.

Baseando-se nestas imposições, o Edifício Itália escava o seu próprio território e insere-se como um totem a indicar o início da avenida e a tornar presente a imigração estrangeira, anunciando o cosmopolitismo da metrópole. Cria, através dos volumes limitrofes ao lote, um anteparo amplificador da soberania de sua torre, símbolo das possibilidades técnicas do concreto armado no Brasil.

Sua monumentalidade desmedida dialoga apenas com o Copan. Cidade de 5000 habitantes contida dentro da própria cidade, implanta-se sinuoso e dissonante na dimensão abrangente da paisagem.

Cerca de 600 metros distante, na margem oposta do Vale, a simetria do Edifício Viadutos, rebatida a partir do eixo da avenida, estabelece o limite. O painel publicitário situado no seu topo estava integrado ao projeto desde o início, a pretexto de se amortizar os custos do sistema condominial recém-implantado.

Ainda que com propósitos diferentes, o Edifício O Estado de São Paulo, no

cruzamento com a Consolação, realinha a arquitetura como suporte de comunicação. Sua forma côncava delineia o vazio adjacente, ao mesmo tempo que atrai os olhares ao relógio, ao posterior painel de notícias e aos murais de Di Cavalcanti e Clóvis Graciano. Ofertados à cidade, colocavam a informação, a arte e a cultura como conquistas urbanas imprescindíveis.

Entre estas fronteiras, pontos referenciais e locais, edifícios e espaço público estavam desenhados como decorrências mútuas, unindo seus elementos de forma que caminho, urbanidade e modernidade estivessem conjuntamente presentes.

A predominância da continuidade volumétrica conteve e moldou o espaço aberto para, posteriormente, conduzi-lo ou extravasá-lo com precisão. As inúmeras galerias e passagens existentes em praticamente todos os edifícios operam como válvulas de escape que permitem a criação de uma trama extensa de vasos comunicantes que englobam a São Luís, a Vila Normanda, as galerias do Copan, a Rua Basílio da Gama, as galerias da Sete de Abril e suas continuações.

A convergência dos interesses empresariais de multiplicação das áreas comerciais, com a utopia dos arquitetos de se buscar a apropriação coletiva do solo, tornavam tênues os limites entre os domínios público e privado, devolvendo à cidade o interior de seus lotes.

Seria, entretanto, o Viaduto Nove de Julho a intervenção a congregar os elementos fundamentais para Prestes Maia. Entendido como equipamento público por excelência, contém intrinsecamente a ideia da conexão. "Superando a resistência passiva da distância espacial, simboliza a extensão da nossa esfera de desejo sobre o espaço"². Aproximando-se do Edifício Viadutos que lhe toma emprestado o nome, avenida, ponte e arranha-céu se reúnem coroando a São Luís.³

Seu projeto original prevê a passagem do metrô por entre sua estrutura, assim como a criação de "salões urbanos" de espera e estar em seus embasamentos. Curiosamente, a circulação de automóveis, motivo aparente de sua construção, não aparece em nenhum dos desenhos, indicando a existência de outros sentidos no Plano de Prestes Maia.

Um cartão postal já foi realizado e provavelmente desgastado perante as transformações processadas em São Paulo. Permanece, contudo, a notícia de um saber que, ao olhar à cidade e ao eleger seus elementos, possibilita construir novas associações e assinalar novos caminhos.

1 e 2 Simmel, G. - Puento y porta. In El individuo y la libertad. Ensayos de la crítica de la cultura. Barcelona, Ediciones Península, 1986

3 - A ideia de que avenida, viaduto e arranha-céu são os símbolos principais da modernidade para Prestes Maia encontra-se desenvolvido em Kruchin, S. - Prestes Maia. O sentido do Urbano. In Revista Óculum nº 4

ILUSTRAÇÕES:

1. Cartão postal de São Paulo

2. Viaduto Nove de Julho

Fonte: Prestes Maia. Melhoramentos de São Paulo. Acervo FAU-USP

3. Edifício Estado de São Paulo/

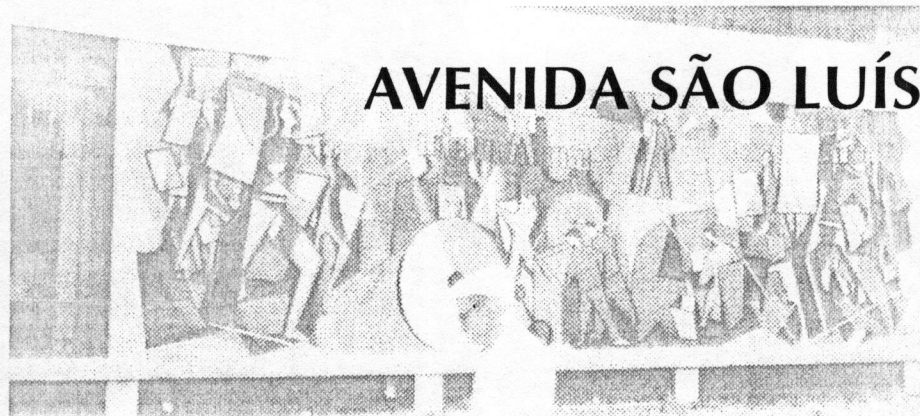
Painel Di Cavalcanti

Fonte: Acervo Viva o Centro



por Fernando de Mello Franco

Arquiteto



**SP CENTRO XXI
ENTRE HISTÓRIA E PROJETO**

Projeto Editorial
Regina Prosperi Meyer

Projeto Executivo
Marta Dora Grostein

Editor Responsável
Jorge da Cunha Lima

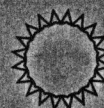
Editor Executivo
Iule Barreto

Projeto Gráfico
Fernando Bastos
Rodrigo Mindlin Loeb

Pesquisa de imagens
José Eduardo Areias,
Reinaldo F. dos Santos,
Marta Dora Grostein,
Regina Prosperi Meyer

APOIO

Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade
de São Paulo.
FUPAM - Fundação para a
Pesquisa Ambiental.



**Esta publicação foi realizada
com o patrocínio da
Fundação Banco de Boston**



**SÃO PAULO
CENTRO XXI
ENTRE HISTÓRIA E PROJETO**

Publicação elaborada para o seminário internacional
centro de São Paulo
Encontro Preparatório realizado nos dias 12 e 13 de
dezembro de 1994,
no Mosteiro de São Bento.
REALIZAÇÃO
ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

PATROCÍNIO
Fundação Banco de Boston • BANESPA • BM&F

APOIO
Colégio de São Bento • Hotel Normandie
Paddock Centro • Terraço Itália
M. Chandon e Dimple



ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO
Sociedade Pró-Revalorização do Centro de São Paulo
Rua Líbero Badaró, 471 - 14o andar Centro São Paulo
CEP 01009-000 - Fone 606 8205 - Fax 249-5066

PARTICIPANTES

Associação Brasileira de Bancos Internacionais - ABBI. Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia. Associação Brasileira de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares - ABRESI. Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos - ABBC. Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade - ABRAFOTO. Associação Comercial de São Paulo - ACSP. Associação das Empresas Distribuidoras de Valores - ADEVAL. Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento - ACREFI. Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo - ACELCESP. Associação dos Antigos Alunos do Colégio de São Bento de São Paulo. Associação dos Bancos no Estado de São Paulo - ASSOBESP. Associação dos Lojistas da Florencio de Abreu - ALFA. Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias - ANCOR. Abrahão, Azevedo e Gomes. Almarina Restaurantes e Lanchonetes. Banco Agrimisa. Banco Antonio de Queiroz. Banco Bamerindus do Brasil. Banco Bandeirantes. Banco BBA - Creditanstalt. Banco Cidade. Banco de Boston. Banco de Crédito Nacional - BCN. Banco do Estado de São Paulo - BANESPA. Banco Itaú. Banco Mercantil de Descontos - BMD. Banco Mitsubishi Brasileiro. Banco Noroeste. Banco Real. Basic Jeans Comércio Confecção. Bolsa de Valores de São Paulo - BOVESPA. Bolsa de Mercadorias & Futuros - BM&F. Caixa Econômica Federal. Cartão Meleiros. Câmara Oficial Espanhola de Comércio no Brasil. Casa de Anchieta - Pátio do Colégio. Celso Figueiredo Filho. Centro Acadêmico "XI de Agosto". Centro de Estudos das Sociedades de Advogados CESA. Clube Anglo Americano de São Paulo. Cia do Metropolitanano de São Paulo - METRÔ. Cia Paulista de Trens Metropolitanos - CPTM. Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo (1o GB). Demare e Almeida Advogados. DMB-União de Empresas. Estapar Estacionamentos. F. H. J. Administração de Bens. Faggin & Slemenson Arquitetos. Federação Brasileira das Associações de Bancos - FEBRABAN. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP. Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo. Federação do Comércio do Estado de São Paulo-FCESP. Ferrovia Paulista. - FEPASA. Gepas Pesquisa Histórica e Restauração de Bens Culturais. Inspetoria Salesiana de São Paulo. Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAP). IAB. Intarco Projetos e Consultoria. José Eduardo Loureiro. Lloyds Bank. Machado, Meyer, Sendacz e Opice - Advogados. Market & CO Consulting. Cooperativa de Comunicação e Marketing. Método Engenharia. Monteiro de Barros Escritório Imobiliário. Mosteiro de São Bento. Nossa Caixa- Nosso Banco. Ordem dos Advogados do Brasil (Seção São Paulo) - OAB. Philips do Brasil. Pinheiro Neto - Advogados. Polícia Civil do Estado de São Paulo - DEATUR. Polícia Militar do Estado de São Paulo (7o BPM-M). Prever S.A. Seguros e Previdência. Price Waterhouse Auditores Independentes. Restaurante Paddock. Rotary Club de São Paulo - República. São Paulo Brasilton. São Paulo Convention & Visitors Bureau. São Paulo Hilton. Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos. Sersa - Centralização de Serviços dos Bancos. Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo. Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de São Paulo - Sinprocim. Sociedade Amigos do Bom Retiro. Sociedade Amigos de Vila Buargue, Santa Cecília, Higienópolis e Pacaembu. SP Centro. Teatro Municipal de São Paulo. Terraco Itália Restaurante. Tribunal de Justiça de São Paulo. União de Bancos Brasileiros - UNIBANCO. Valente, Valente - Arquitetos.

DIREÇÃO

Henrique de Campos Meirelles - **Presidente**. Marco Antonio Ramos de Almeida - **Presidente da Diretoria Executiva**. Alberto Rubens Botti - **Diretor Vice-Presidente**. Alencar Costa - **Diretor Vice-Presidente**. José Augusto de Queiroz - **Diretor de Controle**. Luís Eduardo Ramos Lisboa - **Diretor Secretário**. Wilson Antonio Salmeron Gutierrez - **Diretor Financeiro**. Carlos Eduardo de Oliveira Diniz - **Diretor**. Jaime Marcondes Cupertino - **Diretor**. Odair Ziollin - **Diretor**. Celso Figueiredo Filho - **Diretor Setorial**. Jorge da Cunha Lima - **Coordenador do Grupo Técnico**. Regina M. Prospero Meyer - **Consultora**.